

Um grande mestre e sua indispensável obra: Manoel Bomfim (1868-1932) e *O Brasil na História* (1931) ¹**Marina TONON***

Resumo: O presente artigo procura realizar uma análise a respeito da forma como o livro *O Brasil na História*, de Manoel Bomfim, foi lido e comentado no período de seu lançamento. Para tanto, considerou-se alguns textos publicados em periódicos brasileiros de destaque e escritos por importantes pensadores do período que, ao formularem seus textos, produziram também certa imagem da obra e de seu autor. A investigação destas fontes permitiu perceber o livro como uma realização fundamental para o pensamento nacional e Manoel Bomfim como um grande pensador e mestre brasileiro.

Palavras-chave: Historiografia. República, Manoel Bomfim.

A great master and his indispensable work: Manoel Bomfim (1868-1932) and *O Brasil na História* (1931)

Abstract: The present article tries to analyze the way in which the book *Brasil na História*, by Manoel Bomfim, was read and commented in the period of its release. Therefore, we will consider some texts published in Brazilian prominent newspapers. These works were written by important thinkers of the period that, formulating their texts, also produced certain image of the book and of its author. The investigation of these sources allowed to notice the book as a fundamental accomplishment for the national thought and Manoel Bomfim as a great thinker and Brazilian master.

Keywords: Historiography. Republic. Manoel Bomfim.

Somos uma pátria. Compreende-se bem o empenho de definir a tradição genuína, e acentuá-la e cultivá-la, fazendo para isso intransigente defesa de sua história. Representamos essa história, em todas as formas do passado que devem subsistir. Atestamo-lo em nossa própria vida. (BOMFIM, 1930, p. 38)².

*Doutoranda – Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Franca – Av. Eufrásia Monteiro Petrágli, 900, CEP 14409-160, Franca, São Paulo, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: marina_tonon@hotmail.com

No ano de 1932, as palavras acima vieram a público em um livro que faria bastante ruído entre a intelectualidade do período. Concebido por Manoel Bomfim (1868-1932), o livro intitulado *O Brasil na História* seria alvo de textos de apresentação, críticas e comentários em jornais e sucesso de vendas nas livrarias.³

O autor deste livro tão repercutido foi médico, jornalista, professor, diretor geral do *Pedagogium*⁴, deputado federal por Sergipe e Secretário da Educação do Rio de Janeiro. Nascido em Sergipe ingressou na Faculdade de Medicina na Bahia e migrou para o Rio de Janeiro onde obteve seu diploma em 1890, passou então, a interessar-se por jornalismo, publicando em diversos periódicos da cidade. Quando *O Brasil na História* chegou às livrarias, Manoel Bomfim já era bem conhecido por seu primeiro livro, *América Latina: males de origem* (1905), obra que provocou polêmica entre os pensadores do período, rendendo até mesmo uma série de artigos, que mais tarde se tornariam livros, escritos pelo célebre crítico Sílvio Romero (1851-1914)⁵, em que ele refuta as análises de Bomfim.

Além deste primeiro livro, Bomfim ainda publicou outros escritos, entre eles *Através do Brasil* (1910)⁶, livro que veio a se tornar um clássico da literatura paradidática. *O Brasil na História* (1930) compõe uma trilogia, formada também por *O Brasil na América* (1929), e *O Brasil Nação* (1931), que busca realizar uma análise a respeito da formação da nacionalidade brasileira.

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas visões extraídas da recepção do livro *O Brasil na História* que nos auxiliam a compreender como estes escritos construíram a figura de Bomfim e como compreenderam seu livro. Sendo assim, procura-se averiguar quais lugares sociais tais imagens concediam a Bomfim e à sua obra.

O livro passou a circular em março de 1931, publicado pela *Francisco Alves*, uma das principais editoras do período e, como já dissemos, teve uma grande acolhida por parte da imprensa, que desde antes de seu lançamento divulgava capítulos ou trechos da obra⁷. Após o lançamento, grandes periódicos nacionais e internacionais comentaram o seu conteúdo⁸, sempre destacando sua importância.

Os textos que serão objetos deste estudo foram publicados em importantes periódicos do período, são eles: *Correio da Manhã* (6), *Diário Carioca* (6) e *Diário de Notícias* (3), *A Esquerda* (3) e *A Noite* (1). É relevante observar que os artigos, em sua maioria, foram escritos no fervor do lançamento do livro e buscavam motivar discussões sobre seu conteúdo contribuindo, desta forma, para a construção da imagem desta obra e de seu autor. Torna-se pertinente, ainda, ressaltar que além das resenhas, outras referências a Bomfim e a seu livro aparecem em diversos momentos nestas folhas, sobretudo em homenagens ao autor ou em menções ao sucesso do livro.

Impressos no Brasil

Durante a Primeira República no Brasil, a imprensa periódica ocupava um papel bastante importante para a sociedade, nela circulavam numerosos e importantes escritos. A seguir, buscaremos verificar qual o lugar social ocupado pela imprensa do Rio de Janeiro, no momento em questão, com o objetivo de assimilar a importância de tais escritos para as construções de verdades.

É sabido que o período compreendido como Primeira República (1889-1930) foi marcado por grandes transformações e inovações, tanto tecnológicas como políticas e sociais. Esse período também foi marcado por uma intensa busca pela modernidade, pelo progresso e pela civilização, revelação de um forte protagonismo dos intelectuais brasileiros.

Além da busca por melhor educação, outras novidades contribuíram para o aprimoramento da circulação de informações, como o crescimento dos centros urbanos, a expansão da malha ferroviária, a entrada de um grande número de imigrantes e um primeiro surto industrial. Isso tudo surgiu aliado a artifícios modernos e aos novos meios de comunicação como carros, bondes elétricos, cinema, máquinas fotográficas portáteis, máquinas de escrever, fonógrafos, publicidade e, mais adiante, o rádio.⁹ As inovações tecnológicas deste período também impactaram a imprensa.

Assim, a evolução técnica do impresso, somada ao investimento na alfabetização, além dos incentivos à aquisição e à fabricação do papel, formaram a base fundamental de sustentação dessa grande empresa – a imprensa – que se tornou, durante um grande período de tempo, o principal veículo de comunicação no Brasil.

De qualquer maneira, a atividade intelectual ganhou notoriedade nos primeiros anos de República, pois a modernização barateou os custos de impressão dos periódicos, o que levou ao surgimento de novas oportunidades para os intelectuais que desejassem sobreviver deste trabalho. Além disso, “[...] escrever na imprensa tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e mesmo poder político [...]” (ELEUTÉRIO, 2008, p. 94). Dessa forma, o intelectual que atuava no Brasil naquele período encontrava, na imprensa, atraentes oportunidades de profissionalização, já que ela era a principal instância de produção intelectual e fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais (LUCA, 2008).

Sendo assim, reforçamos que, em meio a esta conjuntura marcada pelo grande destaque da imprensa como uma das principais fontes de circulação de ideias, é que se encontram os textos tratados neste artigo. Estes diários estão, portanto, imersos em um momento em que suas publicações contribuíam de forma efetiva para a produção social de sentido.

Vista a importância de tais textos, resta-nos agora apresentar Manoel Bomfim e seu livro, construídos nas páginas destes artigos. Para tanto, exibiremos a seguir dois tópicos, no primeiro pretende-se verificar a construção que a recepção de *O Brasil na História* produziu a respeito de Bomfim e seu livro, focando na compreensão a respeito do que é história e historiador para estes pensadores. O segundo tópico, por sua vez, é dedicado à reflexão a respeito de como estes leitores encararam a principal crítica feita por Bomfim, sua análise da historiografia nacional.

Destacamos, ainda, que em *O Brasil na História*, assim como muitos outros intelectuais do período, Manoel Bomfim buscava encontrar as origens da nacionalidade brasileira, desejando identificar os males de um país considerado atrasado e incompleto quando comparado ao “mundo civilizado”, e procurando entender o que deveria ser feito para que o Brasil pudesse ser incorporado às comunidades das nações desenvolvidas.

Nesta busca pela definição do ser brasileiro este autor elaborou uma intensa crítica à historiografia nacional; nela, ele condena certos historiadores que teriam deturpado a história nacional e contribuído para a “degradação” da nação, e exalta outros que seriam os historiadores da “verdadeira tradição nacional”. Com isso, Bomfim demonstrou estar preocupado em resgatar as “qualidades características do povo” brasileiro que, segundo ele, estavam esquecidas pela historiografia.

Manoel Bomfim e o *Brasil na História*: entre a cientificidade e o comprometimento

Nas primeiras décadas do século XX a definição do que se entendia por ciência e, especificamente, por ciência social, ganhou relevância. Por meio da busca de seu caráter científico, a disciplina histórica estabeleceu uma tentativa de delimitação de sua identidade. Entre as principais exigências para uma história científica estava a questão da imparcialidade do historiador, sendo assim, os pensadores que se dedicavam à escrita da história deveriam estar atentos a tal exigência.

Rebeca Gontijo em seu artigo intitulado “Manoel Bomfim, ‘pensador da história’ na Primeira República”¹⁰ busca analisar o modo como Manoel Bomfim concebia a ciência, o método científico, a subjetividade e sua visão da relação entre indivíduo e sociedade. Neste mesmo texto Gontijo afirma que este autor não poderia ser considerado um historiador como o eram Capistrano de Abreu e João Ribeiro, pois não possuía a experiência no trato com fontes documentais em arquivos, além de não ser docente da área. A autora o designa como “um pensador da história” já que ele estaria “disposto a fazer reflexões sobre a matéria e provocar os historiadores”.

Tais ideias são bastante instigantes e com a intenção de dar continuidade a esta investigação buscaremos verificar como os contemporâneos leitores da obra de Bomfim lidavam com tais questões. Para isso, investigaremos em artigos de recepção do livro *O Brasil na História* como seus autores construíram a figura de Bomfim, de seu livro e como entendiam a sua prática, afinal para tais autores Bomfim era ou não um historiador?

Muitos que leram e fizeram críticas a respeito do trabalho de Bomfim eram pensadores de bastante destaque no período em questão, alguns eram jornalistas de renome, outros importantes críticos e outros ainda, eram autores de história. Tais pensadores ao escreverem sobre a figura de Manoel Bomfim produziram um retrato do mesmo, neste retrato esboçaram o que consideravam suas principais características, desenhando, desta forma, uma imagem que ficaria estampada nestes jornais e no imaginário de quem os lia.

Ao analisarmos estes escritos em conjunto, notamos algumas expressões que buscam descrever Bomfim e são bastante repetidas, termos como “escritor consagrado”, “autor admirado”, “autoridade no assunto”, “figura eminente”, “notável” e “mestre”. Tais expressões indicam certo empenho em manifestar a relevância da figura de Bomfim e de sua obra para a *intelligentsia* nacional. A seguir, apresentaremos algumas publicações que nos auxiliarão a definir de forma mais clara qual Bomfim tais críticas pretenderam traçar.

O primeiro texto que destacamos saiu no *Diário Carioca* e data de primeiro de março de 1931, antes mesmo do lançamento do livro. Sem autor identificado, o título do texto anunciava “Um grande Livro: O que é ‘Brasil’ na História de Manoel Bomfim”. O artigo trazia o objetivo de apresentar o livro ao público e, para isso, publica um pequeno trecho do mesmo. Bomfim foi descrito da seguinte forma:

De Manoel Bomfim, sabemos que é um nome que se impôs, pelo trabalho, pelo talento, pela pureza do seu caráter ilibado, á admiração de duas gerações. Infenso ás agitações microbianas da politicalha, sempre viveu ao sol da Beleza, cultivando a História, que é uma das mais positivas das ciências, para, com os seus ensinamentos, esclarecer a nacionalidade. Manoel Bomfim é um pensador por excelência. Mas o pensador construtivo. Quando destrói, logo edifica. Daí o mérito de sua obra. (UM GRANDE..., 1931, p. 3).

No trecho destacado notamos o empenho em descrever Bomfim como uma figura de forte valor moral, de caráter puro que alcançou destaque no meio intelectual por este motivo além de seu talento e esforço. Segundo este excerto, o sergipano teria aversão a questões políticas e por isso dedicava-se ao “cultivo” da história, para que assim, a partir de suas conclusões baseadas em trabalho, talento, valor moral e longe de “politicalhas” pudesse “esclarecer” questões relacionadas à nacionalidade.

Bomfim seria, portanto, um pensador da história diferenciado por não se envolver em política e ter alcançado sua notoriedade por esforço próprio, sua escrita seria mais pura a tal ponto de esclarecer as questões nacionais que outros autores não poderiam fazer, pois estavam ligados aos interesses de institutos, academias, museus, etc. Bomfim seria, portanto, livre politicamente e moralmente para apontar as falhas da historiografia nacional. Desta forma, se tornou “admiração de duas gerações”, um pensador que apesar de destruir algumas ideias, logo em seguida propõe soluções e indica caminhos.

Carlos Maul (1887-1974)¹¹, um pensador de destaque no período, também publicou um artigo no qual expõe sua opinião, o texto data de 8 de março de 1931, intitulado “O Brasil na História’: sugestões no último livro de Manoel Bomfim.” (MAUL, 1931, p. 17), foi publicado no caderno “Suplementos”, veiculado todos os domingos no *Correio da Manhã*. Este artigo reafirma a ideia do texto anterior que busca descrever nosso autor como um escritor de alto valor moral, que se dedica a uma escrita da história mais pura e verdadeira. Seria ele um “humanista” que deve ser lembrado pela “[...] bravura com que enfrenta preconceitos e corrige lapsos e enganos [...]”. Assim, sua pureza moral, mais uma vez é destacada como propulsora de uma escrita isenta de interesses pessoais e corretora de enganos anteriores, cria-se uma visão de autor defensor da história nacional.

Localizando, desta forma, Bomfim na historiografia brasileira como um historiador combativo que luta a favor da verdade histórica, Maul o opõe aos grandes nomes e sugere que sua releitura seja reverenciada pelos que “[...]reconhecem que a verdade histórica tem papel maior na vida das nacionalidades do que o repouso tumular dos arquivos.” (MAUL, 1931: 17), reafirmando, desta forma, a noção de história empregada por Bomfim.

Ao mesmo tempo que estes textos produziram traços que compõem a figura de Bomfim relacionados principalmente a seu caráter e suas qualidades profissionais, também o compuseram pensando em sua relação com a ciência histórica. Ou seja, ao debaterem se a obra de Bomfim é ou não uma obra de história ou se ele é ou não um autor combativo, estes autores traçaram características que compõem a figura de Bomfim e de sua obra no mesmo momento em que discutiram a respeito do que poderia ou não ser considerada uma escrita histórica no período.

Alguns dos textos analisados conferiram a Bomfim o título de historiador¹², assim como outros¹³ o negaram por considerá-lo demasiadamente parcial. No entanto, grande parte dos autores acreditava que sua obra trouxera novas perspectivas à história do Brasil e entendem que seu trabalho seja fundamental para a história nacional. Encontramos manifestações como “[...]livro cheio de ensinamentos, verdades e correções aos erros[...].” (FERREIRA, 1931, p. 6), “[...] livro revolucionário [...] que há de provocar a ira dos mistificadores de nossas verdades históricas.” (NETTO, 1931, p. 3), “[...] se integra,

definitivamente, na nossa literatura histórica, como uma de suas expressões culminantes [...]” (MONIZ, 1931, p. 2). Nestas passagens observamos que grande parte da preocupação dos críticos se dirigia ao conteúdo “novas verdades”, no entanto, questões que dizem respeito ao método histórico não deixaram de ser observadas.

Apesar de a maior atenção estar voltada para os temas apresentados na obra, muitos buscaram, mesmo que rapidamente, pensar o método utilizado por Bomfim. O jornalista M. Paulo Filho (1890-1961)¹⁴ faz sua apreciação em um artigo datado de 12 de junho de 1931, intitulado “O Brasil na História”, diretor do *Correio da Manhã*, no momento em que escreve apresenta a obra da seguinte maneira: “Antes do mais, *O Brasil na História* é um livro de larga erudição e segura documentação que o Sr. Manoel Bomfim escreveu”. (PAULO FILHO, 1931, p. 4). Notamos que a primeira ação de Paulo Filho foi buscar dar credibilidade aos escritos de Bomfim, destacando a erudição e a documentação utilizada na pesquisa, pontos de grande relevância para a prática do método histórico.

A seguir Paulo Filho não poupa elogios ao método empreendido por Bomfim:

O sr. Bomfim não improvisa os fatos. Enumera-os com precisão absoluta. Fundado neles, argumenta lógica e exaustivamente, sustentando o princípio de que na colônia de 1500 a 1822 tudo quanto aconteceu em degradação, empecendo os costumes, aviltando o território e corrompendo os poderes arbitrariamente constituídos, se deve pura e exclusivamente a *infecção do bragantismo*. Tem razão o escritor, que não é, apenas, um narrador e comentador. É também um pensador, rumando pela História como um caminheiro que dispõe de carta e bússola e sabe para onde vai e porque vai. (PAULO FILHO, 1931, p. 4).

Paulo Filho exalta em Bomfim as características de um bom executor do método histórico, como a utilização da lógica e argumentação exaustiva, no entanto, não deixa de reconhecer a paixão do médico ao afirmar que ele não é apenas um narrador, mas sim um pensador que sabe para onde vai com suas ideias e por que vai, ou seja, apresenta uma intenção clara que não é simplesmente narrar a história. Conclui ainda dizendo que o “melhor elogio que se faz a *O Brasil na História* é dizer que esse livro merece ser lido por todos os brasileiros amigos da verdade”.

Leôncio Correia (1865-1950)¹⁵ também se dispõe a discorrer a respeito do método de Bomfim, em seu texto intitulado “O Brasil na História”, afirma que a obra é um “[...]livro admirável, que é uma alta documentação de seriedade de propósitos e de labor indefesso [...]” (CORREIA, 1931, p. 6). Assim como Paulo Filho, este autor destaca o bom uso, que Bomfim faz das documentações.

Afirma, ainda, que o “Brasil na História é a segunda das obras do grande historiador e sociólogo, destinada, pela mesma orientação estabelecida e seguida, à divulgação de

fatos e ocorrências dos nossos fatos, que, sem eufemismo, se poderiam dizer inéditos.” (CORREIA, 1931, p. 6). Desta forma, Correia atribui o título de historiador a Bomfim por divulgar os fatos de nossa história e ainda defende sua “aspereza” com as palavras afirmando que ele: “Não imita nem copia. A fácil tarefa da compilação repugna a inteireza do seu caráter, e ele prefere ser selvagem com a verdade a ser diplomata com a mentira.” (CORREIA, 1931, p. 6). Assim, “sem o disfarce de uma delicadeza hipócrita”, Bomfim estaria interessado apenas na verdade e sua paixão não o tornaria menos historiador do que os que não a manifestam.

Jayme de Barros¹⁶, por sua vez, em seu texto denominado “O Nacionalismo através da História” (BARROS, 1931, p. 6) apresentou o trabalho de Bomfim como uma obra “acentuadamente nacionalista”, que colocava o Brasil diante da História, e, ao mesmo tempo, advertiu:

Se a qualidade fundamental do historiador é a imparcialidade, não se poderá conceder esse título ao professor Bomfim. A natureza reformadora do seu trabalho de análise e de crítica, a flama de civismo que incendeia as páginas de sua obra, o ímpeto combativo, o rigoroso arremesso dos seus conceitos, fazem-no, antes marcadamente, um polemista, um panfletário da história. (BARROS, 1931, p. 6).

Para o jornalista a imparcialidade de Bomfim era incompatível com a “serenidade dos historiadores”, aproximando-o de uma escrita voltada mais para a polêmica do que para a história. Barros, seguindo as orientações vindas de autores e instituições consagrados do saber histórico no período, entendia que, para ser um historiador, o escritor deve agir com a imparcialidade para julgar os fatos e Bomfim não o fazia, por se mostrar combativo em suas críticas.

O autor também ressaltou, em contraposição à afirmação sobre a escrita voltada para a polêmica de Bomfim, o uso documental empreendido pelo sergipano. Para ele, Bomfim “[...] apoia-se numa documentação inquietante, com a qual prepara demonstrações aflitivas das teses que atira a discussão [...]” (BARROS, 1931, p. 6). No entanto, isso não é suficiente para que seja considerado um historiador, e concluiu dizendo que “Sejam, porém quais forem as discordâncias das ideias e afirmações do professor Bomfim, sua obra é de uma bravura cívica e todos os brasileiros devem o culto de sua admiração.” (BARROS, 1931, p. 6)

Vale ressaltar que a crítica de Jayme de Barros foi a primeira e única em que encontramos pontos de discordância entre o autor e Bomfim. No entanto, apesar de suas ressalvas, Barros buscou deixar clara sua admiração pelo autor de *O Brasil na História*.

Por fim, destacamos o artigo escrito pelo influente intelectual e estudioso da história: Rocha Pombo (1857-1933)¹⁷, com o título “O professor M. Bomfim”. Rocha Pombo inicia seu texto apresentando Bomfim com grandes elogios e localizando-o no meio intelectual: “É um dos mais operosos entre os nossos publicistas do dia. Legítimo pensador, filósofo da sociedade e da vida, os seus livros despertam sempre o mais vivo interesse em nosso meio intelectual, onde são escassas as produções que venham de tais alturas.” (POMBO, 1931, p. 4).

Além da descrição acima, o autor ainda se refere à Bomfim como um pensador dedicado à “ciência da alma” que pelo desenvolvimento de seu trabalho “[...] tinha que chegar naturalmente a História”. (POMBO, 1931, p.4). Dessa maneira, Pombo apresenta todo o caminho que teria levado Bomfim a pensar a história, partindo de indagações assentadas em suas “qualidades de psicólogo” até chegar a questões que envolvem o pensamento histórico.

Para o historiador, o pensamento de Bomfim teria a função de criar “[...]estímulos entre os contemporâneos para reagir contra os vícios e males da herança colonial [...]” (POMBO, 1931, p4). Rocha Pombo não faz distinção entre o trabalho do sergipano e o de um historiador, tomando cuidado, no entanto, para não lhe entregar o título e também para não o tomar. O autor ainda faz questão de destacar que Bomfim se dedicou a pensar a história partindo do ponto de vista de um psicólogo que chega a história e não de um estudioso que parte das regras já postas do fazer historiográfico.

Com base nas reflexões expostas acima, podemos assumir que os autores contemporâneos de Bomfim construíram sua figura como um pensador íntegro e sincero que tinha como maior preocupação a defesa da verdadeira história nacional. Quanto a ser ou não ser um historiador, identificamos divergências entre os autores, os que negavam o título a Bomfim tinham como principal argumento sua parcialidade, o modo combativo como escrevia. Já os que o atribuíam tal título justificavam afirmando que a paixão de Bomfim apenas tornava sua história mais verdadeira e digna para a nação. Tantos outros que defenderam o método empreendido também o fizeram alegando que seu tom agressivo se justificava pelo desejo de verdade e de defesa da nação.

Por uma renovação da pátria: o combate aos “falsificadores” da história nacional

Durante a Primeira República, no Brasil, a produção historiográfica não se distanciou da missão que lhe foi atribuída desde o início: a de construir uma *identidade* para a nação. Em um contexto de construção de um Estado Republicano, este período pode ser apontado como muito rico para o debate de ideias políticas e culturais. Este foi um tempo, também, de

intensa busca por modernidade, marcado por uma ampla atividade intelectual em que concorreram diferentes projetos que buscavam cumprir o desafio de modernizar uma sociedade recém-saída da escravidão e do regime monárquico, considerados, muitas vezes, responsáveis pelo atraso nacional. (GOMES, 2009, p. 25)

Podemos afirmar que durante os primeiros anos do regime republicano o passado foi objeto de disputas. Tratava-se de uma batalha em torno da imagem do novo regime, cujo objetivo era atingir o imaginário popular para recriá-lo nos moldes dos ideais republicanos. Sendo assim, com as transformações ocorridas a partir da instalação do novo regime foi destacado o interesse em renovar certos aspectos da história nacional com a finalidade de construir uma tradição republicana. O desejo de encontrar as origens dos males e, por consequência, do “atraso” brasileiro ganhou destaque e com ele o desafio de apontar soluções que garantissem a modernização do país.

De acordo com Manoel Bomfim, para que o Brasil superasse seus males e caminhasse rumo à modernização e ao progresso seria necessária uma depuração da tradição nacional, expurgando a história da nação para livrá-la dos “influxos deturpadores”, inconvenientes, estranhos e às vezes hostis ao nosso passado, pois neles seriam encontrados estigmas de nosso povo que impediam seu desenvolvimento. Sendo assim, o pensador fez uma intensa revisão da história nacional, apontando quais seriam seus “reais valores”, estas indicações revelariam a verdadeira “alma brasileira” e mostrariam o rumo certo para o progresso da nação.

Para ele, a herança bragantina teria se estendido a escrita da história nacional que estaria, portanto, contaminada por essa herança. Assim, a historiografia precisaria passar por uma grande revisão que afastasse os interesses portugueses e produzisse uma história “verdadeiramente nacional”. Grande parte dos críticos de Manoel Bomfim analisados neste artigo tomaram posições a respeito destas ideias e fizeram coro às suas críticas e reivindicações.

Em diversos artigos encontramos a aprovação da tese de Bomfim exposta acima¹⁸, ou seja, grande parte de seus contemporâneos concordavam que a herança bragantina pode ser apontada como um dos grandes males do Brasil e com ela a distorção da historiografia nacional que levaria à perpetuação desta herança nociva.

O jornalista Antonio Leão Velloso¹⁹ publicou um artigo intitulado “O Brasil dos Brasileiros” em que apresenta *O Brasil na História* como sendo parte, juntamente com *O Brasil na América*, e ao lado das obras de Frei Vicente do Salvador e de Robert Solthey, de uma “[...] notável reivindicação brasileira dos fatos da nossa história”. Assim, para este autor, o livro de Bomfim se opôs a uma historiografia que, com exceção de João Ribeiro,

dava ao Brasil “[...] uma imagem perfeitamente falsa [...]” (VELLOSO, 1931, p. 4). Para Velloso:

Nós brasileiros não conhecemos a nossa história: e não a conhecemos, sobretudo, porque as fontes onde haurimos as nossas informações e que por aí existem, como repositórios da história do Brasil, foram envenenadas, foram poluídas pelas mãos dos que tivera a criminosa preocupação de desfigurar, em favor dos antigos dominadores desta terra, os lances mais agudos de sua história. (VELLOSO, 1931, p. 4).

Como exemplo máximo de obra poluidora, o autor aponta a história escrita por Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) e, dessa forma, contrasta a obra de Bomfim com a desse pensador. Para este autor, o trabalho de Bomfim era de grande importância para a historiografia nacional, pois fazia parte de um seleto grupo de trabalhos que buscavam trazer à tona a “[...] grande obra desempenhada, através dos séculos, pelos filhos legítimos desta terra”. (VELLOSO, 1931, p. 4).

Velloso direcionou seu texto para uma dura crítica à historiografia nacional, destacando a falta de honestidade de muitos historiadores brasileiros ao lidarem com as fontes históricas. O autor, na esteira do pensamento de Bomfim, dividiu a historiografia em dois grupos: o que se empenhou em uma escrita da história baseada em mentiras, e o que se dedicou a contar o Brasil verdadeiro, neste último grupo fixou Bomfim. Cabe salientar que uma crítica dessa natureza atinge diretamente, além de grande parte da intelectualidade dedicada à escrita da história no período, os vários empreendimentos federais e estaduais voltados para a recolha e publicação de documentos referentes ao Brasil em arquivos estrangeiros e nacionais.²⁰

Em seu artigo “A História do Brasil”, Heitor Moniz²¹ também acompanha Bomfim e apresenta um tom de forte crítica à historiografia nacional. Moniz afirmou que o capítulo chave de *O Brasil na História* é o que Bomfim “à luz de documentos” demonstrou como a história estava sendo escrita “desnaturando-se de modo sistemático”, os heroísmos nacionais. Para ele, a história do Brasil, no início, foi feita com “espírito legalista português” e os historiadores que vieram depois “[...] não quiseram “ter trabalho”, foram reproduzindo uns aos outros, pela lei do menor esforço, e sem nenhuma preocupação em investigar a verdade [...]” (MONIZ, 1931, p. 2). O autor ainda concluiu que a revolta de Bomfim contra os “falsificadores” da história nacional deveria ser acolhida com “calor” pelos brasileiros como um convite para a revisão dessa mesma história.

Carlos Maul também busca reafirmar algumas ideias de Bomfim. Para isto, ele alega que a “falta de espírito afirmativo das elites brasileiras” somada a “uma parcela de preguiça para a pesquisa” teria levado “[...] muitos de nossos historiadores a levar como aforismo o

pensamento de Varnhagen de que ‘a História é a narrativa dos fatos consumados’” (MAUL, 1931, p. 17). Dessa forma, os historiadores brasileiros:

[...] a interpretar os documentos, a ler os viajantes europeus da época colonial, a penetrar os estudos de Frei Vicente do Salvador, a seguir a pegada de Capistrano, preferiram o lirismo de Rocha Pitta como fonte inspiradora e como padrão. A consequência de tal delicadeza de sentimentos temo-la nessa volumosa bibliografia em que se encontra de tudo menos a verdade. (MAUL, 1931, p. 17).

Para Maul, com exceção de Rocha Pombo (1857-1933), João Ribeiro (1860-1934) e algumas pequenas monografias e opúsculos, o que temos na historiografia é uma “[...] avalanche de deturpações dos acontecimentos em nossa terra desde que aqui aportaram as caravelas lusas [...]” (MAUL, 1931, p. 17). Assim, a obra de Bomfim se destacaria em meio a essa historiografia “[...] pela bravura com que enfrenta preconceitos e corrige lapsos e enganos [...]” (MAUL, 1931, p. 17)).

Outro pensador que concorda com as teses de Bomfim é M. Paulo Filho que, ao criticar os historiadores do período, afirma que “salvo o esforço paciente e mal compreendido do sr. Rocha Pombo, pode-se dizer que a História deste país tem sido feita por estrangeiros ou por brasileiros em viagens demoradas no exterior” (MAUL, 1931, p. 17). E prossegue:

A história dos homens e dos fatos da nossa vida colonial é mal inspirada e pior contada. No seu recente livro, trabalho de coragem e de inteligência superior, desagrada a quem desagradar, o sociólogo de *A América Latina* e o historiador de *O Brasil na América* pergunta quantos são mesmos os nossos compatriotas atentos e cultos que conhecem, para não se enganarem, o nosso passado e a gente que nele agitou? [...] Não devem ser muitos, sem dúvida serão poucos, pouquíssimos [...] (MAUL, 1931, p. 17).

No excerto acima, Paulo Filho também recorreu ao exercício de dividir a historiografia entre maus e bons historiadores, colocando o sergipano no grupo dos bons. Sendo assim, *O Brasil na História* seria um esforço de correção dessa história “mal contada”. Paulo Filho definia Bomfim ora como sociólogo, em *A América Latina*, ora como historiador, em *O Brasil na América*, o que mostra uma clara tentativa de determinar as áreas de atuação do autor em cada obra.

Assim como Antonio Leão Velloso, Paulo Filho faz uma enfática crítica às fontes utilizadas pelos historiadores brasileiros, uma vez que estas se limitavam a “relatórios oficiais de vassalos à El-Rei e a cartas de súditos aventureiros sem a menor noção do que fosse direito de propriedade alheia nas regiões que eles invadiam e conquistavam para

saqueá-las” e continua afirmando que, nesses documentos, só se pode encontrar a exaltação à casa dos Braganças. Desta forma, para este autor, assim como para Bomfim, também por meio das fontes consultadas, a história brasileira foi deturpada.

Rocha Pombo é outro autor que reitera tais ideais, afirmando que, com *O Brasil na História*, Bomfim “[...] se insurge com mais veemência de alma contra o modo como se deturpou a nossa história e se complicou o nosso destino desde a ascensão da terceira dinastia portuguesa [...]” (MAUL, 1931, p. 17). Ou seja, também para Pombo a escrita da história nacional teria sido deturpada. Devemos destacar aqui a relevância desta alegação feita por um historiador reconhecido como tal por seus pares e acolhido nas principais instâncias de legitimação do saber histórico.

Como podemos notar, o desejo de renovação da historiografia brasileira era bastante vigoroso entre a parcela de pensadores aqui analisados. Eles desejavam que a revisão da história nacional pudesse trazer novos ares à nação e que histórias como as realizadas por João Ribeiro, Rocha Pombo e Manoel Bomfim pudessem servir de exemplo para essa transformação. Manoel Bomfim teria, portanto, apresentado uma solução definitiva para os males do Brasil: renova-se a história, renova-se a pátria.

Conclusão: uma recepção positiva da obra

Como vimos, os jornais por onde falam estes homens de letras são lugares privilegiados para o debate intelectual, são lugares de intervenção na vida social e de legitimação para quem fala com base neles. Dessa forma, o debate a respeito do livro ganha notoriedade quando aparece em lugares como estes. Médicos, advogados, engenheiros, professores, entre outros, os assim chamados homens de letras, realizaram, a partir do lugar de autoridade que a imprensa lhes fornecia, uma crítica bastante repercutida do livro, considerada “ruidosa” (A SEMANA..., 1931, p. 2) no período.

Tomando como base a análise destes textos pudemos notar que Bomfim é prestigiado por todos os seus críticos. Independentemente de sua não participação em instituições, como a Academia Brasileira de Letras e/ou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, é considerado um grande pensador, de grande valor moral e intelectual que contribuiu, grandiosamente, para o pensamento nacional: um verdadeiro mestre.

Vale ressaltar que as diferentes visões da obra de Bomfim causaram certa polêmica quanto à designação do que é ser historiador, para alguns autores o que Bomfim faz não é história, já que para isso ele precisaria deixar de fora suas enfáticas opiniões e exercer a objetividade; outros autores, por sua vez, concordam com as posições de Bomfim e entendem este objetivismo como algo prejudicial ao pensamento nacional.

Outro aspecto identificado nos textos analisados e que deve ser destacado, é o frequente tom de crítica à historiografia presente em grande parte deles. A reafirmação dessa premissa indica insatisfação com o rumo que a história do Brasil vinha tomando e sugere uma necessidade de renovação dessa historiografia. Vale, ainda, ressaltar que alguns autores, seguindo os passos de Bomfim, distinguiram os bons dos maus historiadores. Neste esforço, enquanto Varnhagem foi apontado como um dos autores que mais prejudicaram a historiografia brasileira, João Ribeiro, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo e o próprio Bomfim foram destacados como exceções, como autores que buscaram defender os reais interesses do país.

Com base na constatação desse tom de insatisfação em relação aos rumos da historiografia presentes em grande parte dos textos analisados, o brado de Bomfim por uma defesa da história nacional ganhou destaque e sua proposta de história foi acolhida por uma significativa parcela desses pensadores. Para eles, tal modelo de escrita da história serviria como indicação de leitura e apoio para os futuros escritores da história nacional, o livro *O Brasil na História* passa a ser visto como uma obra indispensável para a história nacional.

À vista do exposto, entendemos que a ampla acolhida de *O Brasil na História* pelos homens de letras diz muito a respeito do rumo que o pensamento histórico tomava nas décadas iniciais do século XX, além de evidenciar quais eram suas preocupações e indefinições. Deste modo, podemos entender que, neste período, ocorre, entre tantas propostas, uma disputa por uma história nacionalista, combativa, defensora de um Brasil livre, republicano e democrático.

Recebido em: 09/05/2016

Aprovado em: 18/10/2016

NOTAS

¹ Este artigo é uma versão do terceiro capítulo da minha dissertação de mestrado intitulada *Reinventando o Brasil: Manoel Bomfim e a crítica à historiografia brasileira defendida*, em julho de 2014, na UNESP-Assis. A pesquisa teve apoio da Capes.

² BOMFIM, Manoel. *O Brasil na História: deturpação das tradições, degradação política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930. p. 38. Advertimos que a ortografia original do livro *O Brasil na História* foi alterada em todas as citações utilizadas neste estudo.

³ Segundo nota publicada pelo Correio da Manhã, em 6 de março de 1931, que estampa as seguintes palavras: “É digno de registro o sucesso de venda que vem fazendo o livro do professor Manoel Bomfim, *Brasil na História*, a uma semana apenas lançado à monta das nossas livrarias”.

⁴ Criado para exercer as funções de coordenação e controle das atividades pedagógicas do país, o *Pedagogium* foi fundado durante a República no ano de 1890, por Benjamim Constant, e tinha a intenção de ser um centro impulsor das questões pedagógicas, sendo extinto no ano de 1919. Ver

em: AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido: Tempo Vida e Obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. p. 189.

⁵ ROMERO, Silvio. *A América Latina: Análise do livro de igual título Dr. M. Bomfim*. Porto: Livraria Chardron de Lello e Irmão Editores, 1910.

⁶ Escrito em coautoria com Olavo Bilac.

⁷ Cf. *A Pátria* de 28/02/1931 ofereceu aos leitores parte do capítulo II e o *Diário Carioca* que em 01/03/1931 transcreveu outro capítulo da obra.

⁸ São exemplos: o *Correio da Manhã*, o *Diário Carioca*, o *Diário de Notícias*, *La prensa* (Buenos Aires), entre outros.

⁹ LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na metade do século XX. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008; SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁰ GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, “pensador da História” na Primeira República. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas, Publicações, vol. 23, n. 45, 2003.

¹¹ O autor é visto aqui como um procedimento de controle do discurso limitando-o por meio da criação do efeito da individualidade. Sendo assim, consideramos que o autor deve ser conhecido em sua unidade, por limitar o discurso segundo ela. Carlos Maul nasceu em 2 de setembro de 1887, em Petrópolis. Foi jornalista, escritor e poeta, elogiado e festejado por Olavo Bilac, João do Rio e outros tantos. Carlos Maul foi membro da Sociedade Brasileira de Geografia e de Filosofia. Foi redator do “*Correio da Manhã*”, “*A Imprensa*”, “*Gazeta de Notícias*”. Escreveu artigos diários para os jornais “*A Notícias*” e “*O Dia*” até os anos 70. Durante toda sua vida publicou cerca de 60 livros de poesia, teatro, traduções, história e crítica literária. No ano de 1935, Maul organizou uma coletânea, contendo textos da trilogia Bomfim em um livro intitulado *O Brasil*; com uma nota explicativa de Carlos Maul. (Ver: BOMFIM, Manoel. *O Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série V. Coleção Brasileira, Vol. XLVII.)

¹² Dos vinte textos encontrados e analisados quatro o nomeiam claramente de historiador. No entanto, tantos outros buscam defender o seu método.

¹³ Apenas um autor negou enfaticamente este título a Bomfim, este texto será analisado mais adiante.

¹⁴ Manuel P. Teles de Matos F. (pseudônimo: João Paraguaçu) nasceu na Cachoeira, na Bahia, em 22 de março de 1890. Foi jornalista do *Correio da Manhã*, procurador do Tribunal de Contas do Estado da Guanabara, deputado geral da Assembleia Nacional Constituinte de 1934 a 1935, presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundador e presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Cidade do Rio de Janeiro e membro da Academia Carioca de Letras. Conferencista, novelista, ensaísta, estudioso da crítica e da história, Paulo Filho escreveu para jornais de Portugal e do Brasil.

¹⁵ Leôncio Correia (1865-1950) foi advogado, escritor, jornalista e político. Exerceu diversos cargos como o de diretor da Instrução Pública do Rio Janeiro, diretor do colégio Dom Pedro II, diretor da Imprensa Nacional, diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, deputado federal e deputado estadual pelo Paraná. Apesar de ser formado em Direito por uma faculdade em Niterói, nunca chegou a exercer a advocacia e a magistratura. Sempre foi um defensor da liberdade pública. Publicou diversos livros ao lado de Machado de Assis, Olavo Bilac e outros. Foi membro da Academia Paranaense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, da Academia Carioca de Letras, da Federação das Academias de Letras, no Instituto Brasileiro de Cultura, e outras instituições literárias.

¹⁶ Jayme de Barros foi jornalista e diplomata ator da obra *A política exterior do Brasil, 1930-1942* (1943) e de uma autobiografia intitulada *Chão de Vida: memórias* (1985).

¹⁷ José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933) foi jornalista, professor, poeta e historiador. Em 1900, foi admitido como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e como membro da Academia Brasileira de Letras, falecendo antes de ter sido empoçado. Em 1889, Rocha Pombo participou de um concurso de monografias que, além de um prêmio em dinheiro, dava a chance da produção ser adotada nos cursos de história da América da Escola Normal. Neste concurso, Bomfim, como Diretor de Instrução Pública, emitiu um parecer favorável sobre a monografia *Compêndio de história da América*, escrita por Rocha Pombo.

¹⁸ Entre os vinte textos analisados, onze reafirmam a crítica à história nacional.

¹⁹ Antonio Leão Velloso era médico, “homem de letras” e colaborador assíduo do *Correio da Manhã*. Foi inspetor médico da Diretoria de Instrução Pública. Ver: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: 5 de maio de 1933. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 27/02/2016; A Noite. Rio

de Janeiro: 15 de Julho de 1931. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 27 fev. 2016.

²⁰ Como exemplo destes empreendimentos, podemos citar, em âmbito nacional, o empenho do próprio Instituto Histórico e Geográfico que, desde sua fundação, buscou realizar a coleta e publicação de documentos considerados importantes para a escrita da história nacional. (Ver o discurso de Januário da Cunha Barbosa, publicado na Revista do IHGB no ano de 1839. BARBOSA, 1839.) Já em âmbito regional, ou estadual, podemos apontar os esforços de Washington Luís, que se dedicou à publicação de documentos importantes para a construção da historiografia paulista. (Ver: ANHEZINI, 2011.)

²¹ Heitor Moniz foi jornalista diretor da revista “Carioca”, redator de “A noite” e autor de *No tempo da Monarquia* (1929), *Aspectos da História Brasileira* (1932), *Vultos da Literatura Brasileira* (1933), entre outros.

FONTES

A NOITE. A Semana Bomfim pelo Rádio. *A Noite*. Rio de Janeiro: 6 de junho de 1931. p. 2. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

BARROS, Jayme de. O Nacionalismo Através da História. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 1 de abril de 1931. p.6. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

CORREIA, Leôncio. O Brasil na História. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro 16 de junho de 1931. p. 6. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

DIÁRIO CARIOCA. Um grande Livro. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 1 de março de 1931. p.3. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

MAUL, Carlos. “O Brasil na História”: sugestões do ultimo livro de Manoel Bomfim. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 8 de março de 1931. p. 17. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

MONIZ, Heitor. A História do Brasil. *A Noite*. Rio de Janeiro: 21 de abril de 1931. p. 2. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

NETTO, Amorim. *A Esquerda*. Rio de Janeiro: 18 de março de 1931. p.3. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

PAULO FILHO, M. O Brasil na História. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1931. p. 4. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

VELLOSO, Antonio Leão. O Brasil dos Brasileiros. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 15 de abril de 1931. p. 4. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

PERIÓDICOS

A ESQUERDA. *A Esquerda*. Rio de Janeiro: 24 de outubro de 1930. p.1. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

A NOITE. Novos Livros. *A Noite*. Rio de Janeiro: 4 de março de 1931.p. 4. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

A NOITE. Novos Livros. *A Noite*. Rio de Janeiro: 9 de março de 1931.p.5. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

BITTENCOURT, Edmundo. Correio da Manhã. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1901. p. 1. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 22 abr. 2014.

CORREIO DA MANHÃ. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 6 de março de 1931. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

CORREIO DA MANHÃ. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1930. p.1. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 22 abr. 2014.

CORREIO DA MANHÃ. “O Brasil na História” de Manoel Bomfim é um grande livro. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 3 de março de 1931. p. 3. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 2 maio 2014.

DIÁRIO CARIOCA. A Redenção Brasileira. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 24 de outubro de 1930. p.1. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

DIÁRIO CARIOCA. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 17 de julho de 1928. p.3. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Enriquecendo o pensamento nacional. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: 4 de março de 1931.p. 4. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS: Rio de Janeiro: 12 de junho de 1930. p.6. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Novas projeções luminosas sobre a história do nosso passado. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro 2 de março de 1931.p. 5. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. O Egocentrismo da História. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: 8 de março de 1931.p. 4. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Visão do Momento. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: 25 de outubro de 1930. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

FERREIRA, Almir. Um Grande Livro: O Brasil na História. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 13 de março de 1931. p. 6. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

LIMA, Benjamim. A leitura da Semana. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 22 de março de 1931. p.6. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

LE MOS, Floriano de. O Brasil na História. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 9 de abril de 1931. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

PALHA, Americo. A Nota Brasileira. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 13 de março de 1931. p.6. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

POMBO, Rocha. O professor M. Bomfim. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02 julho de 1931. p.4. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 10 maio 2014.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido: Tempo Vida e Obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

BOMFIM, Maneol. *O Brasil na História: deturpação das tradições, degradação política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 83-102.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, “pensador da História” na Primeira República. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas, Publicações, vol. 23, n. 45, 2003.

GOMES, Angela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. 1. ed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 25.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.